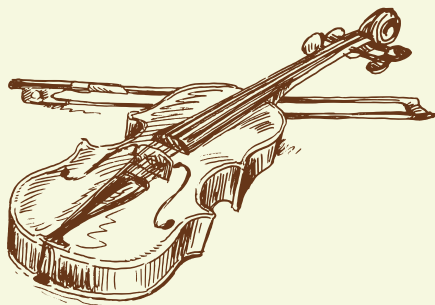


Joseph Freiherr von Eichendorff

# Da vida de um Imprestável



Tradução  
Fernando Miranda

  
oficina  
raquel

Título original: Aus dem Leben eines Taugenichts (1826)  
Joseph Freiherr von Eichendorff (1788-1857)

© Oficina Raquel, 2014

EDITORES

Raquel Menezes e Luis Maffei

REVISÃO TÉCNICA:

Marina Ernst

REVISÃO E POEMAS:

Luis Maffei

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Baptista

jcbaptista@gmail.com

CAPA

Thiago Antônio Pereira

A tradução deste livro teve o apoio do Goethe-Institut, que é financiado pelo Ministério das Relações Exteriores da Alemanha



www.oficinaraquel.com  
oficina@oficinaraquel.com  
facebook.com/Editora-Oficina-Raquel

E34a Eichendorff, Joseph Freiherr von, 1788-1857  
[Aus dem Leben eines Taugenichts]. Da vida de um imprestável  
/ Joseph Freiherr von Eichendorff ; Tradução: Fernando Miranda. –  
Rio de Janeiro : Oficina Raquel, 2014.  
116 p. ; 18cm.

Tradução de: Fernando Miranda.  
ISBN: 978-85-65505-51-2

1. Ficção alemã. 2. Contos alemães. I. Miranda, Fernando, 1979.  
II. Título.

CDD: A833

# Nota do Tradutor

**E**m primeiro lugar, gostaria de dizer que, sem a presença de Marina Ernst, este livro não teria sido possível. Não digo ajuda, pois o que houve foi mesmo co-laboração, metuculoso e dedicado trabalho em conjunto. Relendo a obra, nem eu nem ela sabemos dizer qual frase é de quem. Do Eichendorff, portanto.

Também mais que ajuda foi o trabalho de Luis Maffei, no lidar com aquilo que poucos poderiam lidar como ele, ou seja, com os poemas.

Não me deterei na obra nem no autor, pois para isso está o posfácio de uma das poucas estudiosas de Eichendorff, no Brasil, Nathaschka Martiniuk, da USP.

Como tradutor, revelo apenas algumas poucas linhas do trabalho: primeiramente, uma atenção ao aspecto *singelo* desta novela de linguagem simples, por vezes repetitiva, e longe de virtuosismos. Uma atenção ao leitor moderno, ao mesmo tempo em que tentávamos manter certa “estranheza temporal” de uma obra publicada na primeira metade do século XIX e que não pode ser, portanto, simplesmente infestada de maneirismos hodiernos. Por fim, um trabalho de pontuação baseado em dois ensaios de Theodor W. Adorno, “Em memória de Eichendorff e “Sinais de pontuação“, em *Notas de Literatura I*. Com isso, convidamos o leitor a imaginar outro ritmo, outra paisagem, outras passagens.

Cotejamos nossa tradução com a de Germán Garrido, feita para o espanhol e publicada pela Ediciones Cátedra, de Madrid, sob o título *De la vida de un tunante*. Foi sempre proveitoso reparar nas coincidências e, sobretudo, nas interpretações diferentes – muitas vezes, discordamos com veemência de Garrido. Acreditamos, portanto, que este método tenha nos servido de alerta e guia.

O título canônico seria *Da vida de um Bom-para-nada*, usado por Otto Maria Carpeaux, em *A literatura alemã*, cuja referência em língua inglesa é semelhante: *Life of a Good-for-nothing*. No entanto, seguimos a sugestão da editora e encontramos o título no interior da própria obra; logo na primeira página, será possível identificar por que do “imprestável” como tradução para *Taugenichts*.

Por fim, resta-me contar uma anedota: em conversa com Johannes Kretschmer, tradutor e professor da UFF, contei sobre as dificuldades e os desafios de traduzir Eichendorff, autor para ele bastante próximo. A resposta foi simples: citando algum colega, ele me disse, “no fim, o tradutor sempre perde. Não se preocupe”.

Aprende-se. E que o leitor, este sim, ganhe.

Tradutor também agradece: Raquel Menezes, Susana Kampff Lages, Gabriel Alonso, Anna Schaefer e Johannes Kretschmer.

# Capítulo I

**R**angia novamente a roda do moinho do meu pai, fazendo um barulho engraçado; do teto, a neve caía sem parar; os pardais gorjeavam, voando para lá e para cá; sentado à soleira da porta, eu coçava os olhos sonolentos, sentindo a felicidade de estar sob o brilho morno do sol. Meu pai apareceu, vindo de dentro de casa, resmungando outra vez; com a touca de dormir repousada na cabeça, virou-se para mim e disse: “tu, um imprestável, novamente aí tomando sol, te espreguiçando, te esticando todo que nem um paxá e eu aqui fazendo todo o trabalho sozinho. Não posso mais te sustentar. A primavera já bate à porta, vai de uma vez por todas para o mundo e ganha tu mesmo o pão de cada dia”. – “Bom”, eu disse, “se sou um imprestável, ótimo, vou partir mundo afora e conquistar minha felicidade”. E isso realmente me caiu muito bem, porque um pouco antes tinha justamente pensado em viajar, pois ouvia o citrinela que no outono e no inverno sempre cantava consternado à nossa janela – “camponês, apanha-me, camponês, apanha-me!” – e na primavera, cantando orgulhoso e grandiosamente: “mantém o teu serviço!”

Entrei em casa e peguei meu violino, que eu tão bem sabia tocar. Meu pai ainda me deu algum trocado, e assim fui andando vagarosamente pelo vilarejo. Fui tomado por uma enorme alegria quando vi todos os meus velhos conhecidos e camaradas, como ontem, anteontem e sempre, saindo para o trabalho, para lavrar e arar a terra, en-

quanto eu me lançava na imensidão do mundo. Gritei um adeus de peito aberto e cheio de felicidade para todos eles, mas ninguém deu muita atenção. Nunca tinha me sentido tão bem! Quando finalmente cheguei num campo aberto, peguei meu amado violino e toquei e cantei, seguindo a estrada:

Agraciados por Deus serão aqueles  
Que ao vasto mundo Ele envia  
A estes mostra seus milagres  
Montanhas e florestas, rios e pradarias.

Os indolentes, que em suas camas permanecem  
Não gozam da brisa à luz da manhã  
Cuidar dos filhos é tudo o que sabem  
Carregar o fardo em troca de pão.

Rolam águas montanha abaixo  
No alto zunem as cotovias  
Como ignorar tão belo canto  
A plenos pulmões e aberto peito?

Ao bom Deus deixo que opere;  
Riachos, cotovias, florestas e prados  
E terra e céu, que os preserve,  
Pois tudo o mais foi abençoado!

Nisso, quando me viro num instante, aproxima-se uma bela caruagem, que provavelmente já vinha me seguindo havia um tempo sem que eu tivesse me dado conta –bem devagar ao meu lado – pois meu coração estava totalmente entregue à música. Para me ouvir, duas

damas distintas puseram a cabeça para fora da carruagem. Uma delas era especialmente bonita e mais jovem que a outra; mas de fato as duas me agradavam. Quando parei de cantar, a mais velha rompeu o silêncio e me disse amavelmente: “Ei, simpático rapaz, sabe mesmo cantar belas canções.” Sem pestanejar, retruquei: “se me permitem, sei outras muito mais belas.” Ela, então, perguntou: “Para onde vai já a esta hora da manhã?” Envergonhei-me, pois eu mesmo não sabia dizer, e respondi de forma insolente: “para Viena.” Uma falou com a outra em alguma língua estrangeira que eu não podia entender. A mais jovem sacudiu a cabeça, a outra sorriu e logo me gritou: “pule aí atrás e venha conosco, também vamos para Viena.” Havia nesse mundo alguém mais feliz que eu? Fiz uma reverência e num pulo só subi na carruagem. O cocheiro bateu com as rédeas e nós partimos pela estrada esplêndida, com o vento soprando no meu rosto.

Vilarejos, castelos e torres de igreja iam ficando para trás, e surgiam novos vilarejos, castelos e montanhas. Passávamos sobre sementeiras, arbustos e prados floridos, inúmeras cotovias sobrevoavam o céu azul – eu teria sentido vergonha de gritar bem alto, mas por dentro explodia de júbilo e esperneava e dançava pela carruagem, tanto que deixei o violino cair. Como o sol subia cada vez mais, surgiam grandes nuvens brancas no horizonte e tudo no ar e na superfície ficava tão vazio e abafado e calmo sobre o milharal ondulado que de repente me vieram à cabeça meu vilarejo e meu pai e nosso moinho, quão aconchegante era lá, sob a sombra junto ao lago, e como tudo parecia tão, mas tão longe agora. Senti-me estranhamente mal, como se tivesse que retornar. Coloquei meu violino entre o casaco e o colete, me sentei na escada da carruagem, e, perdido nos meus pensamentos, adormeci.

Quando abri os olhos, a carruagem se encontrava sob as altas telhas. Atrás delas uma escada larga entre as colunas levava a um magnífico castelo. Entre as frestas das árvores vi a torre de Viena. Aparente-

mente as damas já tinham descido havia algum tempo e soltado os cavalos. Fiquei tão assustado em ver-me assim sozinho que pulei rapidamente para dentro do castelo; foi quando ouvi risadas vindas da janela lá de cima.

Neste castelo me aconteceram algumas coisas estranhas. Primeiro, enquanto eu olhava em volta da ampla e fria antes sala, alguém bateu nos meus ombros com uma bengala, virei-me rapidamente e lá estava um senhor alto, vestido com uniforme oficial e uma cartucheira comprida de ouro e seda, pendurada até a altura dos quadris, segurando um bastão prateado e com um nariz absurdamente grande e arqueado, como o de um príncipe, imponente como o de um peru envaidecido. Ele me perguntou o que eu queria aqui. Eu estava tão perplexo que não conseguí dizer nada. Enquanto isso, vários criados subiam e desciam correndo a escada, sem falar nada, mas me fitando de cima a baixo. Em seguida, veio uma dama (como eu viria a saber mais tarde) em minha direção e disse que eu era um jovem muito charmoso e que os estimados amos gostariam de saber se eu não estaria disposto a trabalhar como jardineiro. Tateei o colete, minhas poucas moedas, sabe lá Deus, devem ter caído da bolsa enquanto eu dançava na carruagem. Não tinha nada além do meu violino, pelo qual o senhor com o bastão não me queria dar nem um centavo sequer, como falou ao passar por mim. Angustiado, disse para a donzela: “sim”, ainda olhando de relance para aquela figura sinistra, que continuava rodeando como o pêndulo de um relógio, imponente e assustador. Finalmente veio o jardineiro, murmurou alguma coisa com um jeito caipira e me conduziu ao jardim, enquanto pregava um longo sermão: como eu deveria ser simples e trabalhador, não sair vagando pelo mundo, não perder tempo com prazeres fúteis nem coisas inúteis, desta maneira, eu poderia, com o tempo, prover algo de bom. Ainda houve muito mais coisas boas, bonitas, ensinamentos úteis, mas que eu desde então



já esqueci. Na verdade, não sei nem como isso tudo foi acontecendo, apenas respondia: “sim” – pois para mim era como se fosse um pássaro, a quem estivessem dando de beber. E foi assim que, graças a Deus, consegui meu ganha-pão.

O jardim estava cheio de vida, eu tinha diariamente meu prato de comida e mais dinheiro do que precisava. Infelizmente, também tinha muito o que fazer. Também os templos, as folhagens e as lindas verdades me encantavam demais. Ah, se eu só pudesse caminhar tranquilamente por elas, entabulando um diálogo inteligente, como os senhores e as damas que passeavam por ali todos os dias. Assim que o jardineiro ia embora e eu ficava sozinho, acendia meu cachimbo, me sentava em algum canto e deixava o pensamento vagar, imaginando as coisas belas e corteses que gostaria de dizer para a linda dama que me trouxera até o castelo, caso eu fosse um cavaleiro e tivesse a honra de caminhar com ela por aqui. Ou me refestelava todo sobre o gramado, durante a tarde agradável, quando estava tudo tão calmo, que se ouvia apenas o zunido das abelhas, e observava como as nuvens sobrevoavam meu vilarejo e as folhas e flores se moviam de um lado para o outro, e imaginava a dama, e acaba acontecendo de a bela mulher realmente passar ao longe, através do bosque, com seu violão ou um livro, tão tranquila, imponente e amável como a imagem de um anjo; eu já não sabia mais se sonhava ou se estava desperto.

Então cantei para mim mesmo, enquanto passava pelo passeio a caminho do trabalho:

Aonde quer que eu vá  
Prado, floresta ou vale,  
Do céu azul à montanha,  
Mil saudações ofereço  
À minha bela e nobre senhora

Pelas persianas entreabertas e as flores, vejo brilhar, do ambiente escuro e frio, dois olhos lindos, jovens, frescos. Fiquei totalmente paralisado, parei de cantar e segui, sem me virar, o caminho até o trabalho.

Ao entardecer, num sábado, estava com meu violino à janela do pavilhão, naquela alegria prévia do domingo, pensando ainda no brilho daqueles olhos, quando, de repente, a donzela entrou correndo, atravessando o crepúsculo. “A prezada senhora enviou algo ao senhor, que deve ser brindado em sua saúde. Boa noite!”, acrescentou. Com isso ela colocou uma garrafa de vinho perto da janela e desapareceu rapidamente, como uma lagartixa, entre as flores e espinhais. Ainda permaneci um longo tempo diante da garrafa milagrosa sem entender o que me tinha acontecido. Já antes teria tocado com muito gosto meu violino, mas somente agora o toco e canto; entoo a canção da linda jovem, e canto todas as minhas canções, todas as que conheço, até o despertar dos rouxinóis, e que a lua e as estrelas resplandecem sobre o jardim. Sim, foi uma verdadeira boa e linda noite!

Não se pode prever o futuro do bebê que balança no berço, uma galinha cega também encontra seu milho, quem ri por último ri melhor, o imprevisto sempre surge, o homem pensa e Deus governa, e assim eu seguia meditando, quando no dia seguinte me sentava no jardim com meu cachimbo, querendo sentir-me tão pequeno quando olhava para dentro de mim como se eu fosse um verdadeiro canalha. De agora em diante, me levantava pontualmente, bastante contrário aos meus hábitos, assim que o jardineiro e os outros trabalhadores começavam a se mexer. O jardim era uma beleza só. Flores, o chafariz, as roseiras e o jardim inteiro: tudo brilhava intensamente com o sol da manhã, como ouro e pedra e preciosa. E na alameda lá no alto ainda reinava a tranquilidade, num ambiente sóbrio e compenetrado como numa igreja; somente os pássaros voavam e ciscavam na areia. Logo em frente ao castelo, bem abaixo da janela, onde morava a bela senho-

ra, havia um arbusto florido. Todos os dias bem cedo eu ia até lá e me escondia por trás dos ramos, para ficar olhando à janela, o que não teria coragem de fazer às claras. Então sempre via a mais bela de todas as damas, ainda um pouco sonolenta, vestida naquela roupa branca, vindo em direção à janela aberta. Em seguida, ela deixava cair os cabelos castanho-escuros e lançava um olhar jocosos sobre os arbustos e o jardim. Curvando-se um pouco, recolhia as flores que cercavam sua janela, ou acomodava seu violão nos braços brancos e espalhava seu belo canto pelo jardim; meu coração ficava querendo se encher de melancolia, quando uma das canções me assalta os pensamentos – “ah, e aquilo tudo já faz tanto tempo!”

E assim foi por quase uma semana. Mas uma vez, quando ela novamente parou à janela e tudo ao seu redor estava calmo e silencioso, uma mosca terrível entrou no meu nariz e comeci uma sequência horrível de espirros que não queria parar. Ela se debruçou sobre a janela e me viu encolhido por trás do arbusto. Fiquei tão envergonhado que durante muitos dias não voltei.

Finalmente tomei coragem de voltar, mas a janela se encontrava fechada. Passei quatro, cinco, seis manhãs escondido atrás do arbusto, mas ela não apareceu mais na janela. Depois de um tempo, tomei mais coragem e comeci a percorrer o castelo durante todas as manhãs, passando sob todas as janelas. Mas a amada e linda senhora continuava sem aparecer. Um pouco mais adiante vi então a outra dama à janela. Nunca tinha reparado nela assim tão detidamente. Era verdadeiramente bonita, gorda e de pele avermelhada, esplêndida e agradável de se admirar, como uma tulipa. Sempre a saudava com um gracejo elogioso, e, não posso negar, ela sempre me agradecia, meneando a cabeça e piscando os olhos, num gesto de enorme cortesia. Apenas uma vez acreditei ter visto junto dela também a bela senhora, observando tudo por trás da cortina.

Ainda transcorreram muitos dias, sem que a visse. Nunca mais voltou ao jardim, nunca mais à janela. O jardineiro me chamou de preguiçoso, o que me aborreceu, e meu próprio nariz me indicava o caminho quando eu olhava para o imenso mundo de Deus.

Num domingo à tarde, quando estava no jardim, observando a fumaça que saía do meu cachimbo, me veio uma irritação, ao perceber que não teria um ofício diferente e que amanhã, portanto, não poderia ficar à toa. Os outros rapazes, no entanto, foram todos muito arrumados para o salão de baile na cidadezinha próxima. Tudo estava embalado por aquela atmosfera, o fresco típico da limpeza de domingo se dissipando por entre as casas e o ar morno, para lá e para cá. Mas me sentei como um alcaravão no junco de um único lago no jardim e me balançava na canoa, lá presa, enquanto os sinos vespertinos soavam sobre a cidade inteira e os cisnes ao meu redor nadavam de um lado para o outro. Senti medo da morte.

Neste ínterim, ouvi de longe algumas vozes, uma conversação atravessada e algumas risadas, aproximando-se cada vez mais. De repente, apareceram cachecóis, chapéus e penas vermelhas e brancas brilhantes através dos arbustos, e uma multidão de jovens rapazes e damas vivazes vieram do castelo pelo gramado na minha direção – entre eles, minhas duas damas. Levantei e quis ir embora, quando a mais velha das belas damas me olhou. “Ei, mas isso vem mesmo a calhar”, me gritou ela, sorridente, “leve-nos ao outro lado da margem!” Um pouco temerosas e com muito cuidado, as damas subiram na canoa, uma atrás da outra, os rapazes ajudavam-nas e faziam graça, demonstrando sua ousadia sobre a água. Quando acomodei todas as mulheres no banco lateral, soltei a corda do barco. Um dos rapazes, que estava bem na frente, começou a balançar imperceptivelmente. As damas se agitaram e uma chegou até a gritar. À borda do barquinho, a bela senhora segurava um lírio, e, com olhar plácido, seguia as ondas, sobre os quais ela, com um leve sorriso no rosto, fazia o lírio tocar. Refletida na água, sua imagem

aparecia entre as nuvens e árvores, como um anjo, que, calmamente, atravessa o límpido céu azul.

Contemplando-a, me veio à cabeça a outra das minhas duas damas, a gorda engraçada; eu deveria cantar alguma coisa para ela durante o trajeto. Rapidamente, se vira para ela um rapaz elegante, com seus óculos sobre o nariz, e lhe beija suavemente a mão, dizendo: “eu lhe agradeço pela ideia profunda! Uma canção popular, cantada pelo povo no meio do campo e da floresta, é uma erica nos próprios alpes, – As Trompas Mágicas não são nada mais que herbários– são a alma do espírito nacional.” Porém disse que não sabia cantar nada que fosse o suficiente belo para aqueles rapazes e moças. Aí respondeu a impertinente dama, sentada ao meu lado com uma cesta cheia de xícaras e garrafas, e cuja presença até agora eu não tinha notado: “sabe alguma bela canção sobre uma mulher muito bonita?” “Sim, sim, isso ele sabe muito bem!”, falou prontamente a dama. Fui ficando cada vez mais corado. Nisso a bela jovem tirou os olhos da água e os pôs sobre mim, fitando-me de corpo e alma. Hesitei um tempo, respirei fundo e então cantei de peito aberto, com todo o coração:

Aonde quer que eu vá  
Prado, floresta ou vale,  
Do céu azul à montanha,  
Mil saudações ofereço  
À minha bela e nobre senhora

No meu jardim encontro  
Flores belas e delicadas  
Faço um lindo buquê  
Perdido em mil pensamentos  
Para minha senhora receber.

A ela nada poderei dar,  
É por demais bela, inalcançável  
Desvanecerão as flores  
O amor sem igual  
Eterno no meu coração.

Pareço muito alegre  
Trabalho sem parar  
E caso meu coração se dilacere  
Continuo a cantar  
E meu futuro no túmulo cavar

Ancoramos e todos eles desceram do barco. Muitos dos rapazes, notei muito bem, faziam zombaria de mim para as moças, cochichando e usando umas expressões maliciosas. O rapaz de óculos apertou minha mão, enquanto passava, e me disse, eu mesmo não sei mais o quê, a mais velha das minhas damas ficava me olhando muito amavelmente. Durante todo o meu canto, a bela senhora tinha permanecido de olhos fechados, e agora ia embora sem nada dizer. Minhas lágrimas, porém, desciam dos olhos, como se eu ainda estivesse cantando; o coração queria libertar-me das canções, da vergonha e dor, e de uma vez só me dei conta de como *ela* era assim tão bonita e eu tão pobre e escarnecido, largado no mundo, – e quando todos desapareceram por trás dos arbustos, não pude mais me controlar e me atirei no grama-do, rompendo em amargo choro.

## Capítulo 2

**R**ente ao majestoso jardim, passava uma estrada, separada dele apenas por um grande muro. Havia guaritas bastante cuidadas, com seus telhados vermelhos, e, atrás delas, através de um buraco na parede, surgia um jardinzinho minúsculo repleto de cores e flores, distante da parte mais sombria e escondida do jardim do castelo. Ali, naquele mesmo lugar, vivera e morrera o oficial de alfândega. Uma manhã, bem cedinho, enquanto eu ainda dormia profundamente, o escriturário do castelo veio até mim e me disse que fosse rapidamente até o bailio. Me vesti correndo e fui atrás do simpático escriturário, que ia apanhando uma flor pelo caminho aqui, outra ali, metendo-as na calça, às vezes fazendo de conta que lutava esgrima com o ar, usando sua bengala, e me dizendo todo tipo de coisa sem que eu nada entendesse, porque meus olhos e meus ouvidos ainda estavam completamente adormecidos. Quando entrei no escritório, onde ainda não era realmente dia, o bailio, de trás de um enorme tinteiro e uma pilha de papéis e livros, olhou para mim, com sua notável peruca, tal uma coruja saída do ninho, e indagou: “como se chama? De onde vem? Sabe escrever, ler e contar?” Como respondi afirmativamente, replicou: “bom, a prezada senhoria, em vistas da sua boa reputação e méritos especiais, destinou ao senhor a função de aduaneiro”. Fiz uma rápida reflexão sobre minha reputação e maneiras até o presente momento, e tive que, por fim, admitir que concorda-

va com o bailio. E foi assim, em um piscar de olhos, que me tornei um aduaneiro.

Logo me mudei para minha nova morada e em pouco tempo estava estabelecido. Tinha achado um monte de apetrechos que o falecido coletor tinha deixado para seu sucessor, entre eles um esplêndido casaco vermelho com bolinhas amarelas, pantufas verdes, um gorro de dormir e alguns cachimbos tipo *churchwarden*. Eram coisas que desde sempre, ainda no meu povoado, quis ter, pois sempre via nosso pastor caminhar assim, tão à vontade. Passei o dia todo sentado em um banquinho em frente à minha casa (não tinha mesmo nada para fazer), de roupa de dormir e gorro, pitando meu cachimbo enquanto observava as pessoas indo e vindo a pé, de carro, a cavalo. Só desejava que algumas daquelas pessoas do meu povoado, que sempre diziam que eu não seria nada, passassem e me vissem assim. A roupa ficava muito bem em mim, na verdade tudo aquilo me agradava bastante. E fiquei então ali sentado, com as ideias vagando, pensando como todo início é difícil, como a vida mais nobre parecia realmente mais confortável, e em segredo cheguei à conclusão de deixar de lado todas as viagens e economizar dinheiro como todas as pessoas, e gastar meu tempo para fazer algo grandioso neste mundo. Entre meus negócios, decisões e preocupações, jamais esqueci a mais bela de todas as mulheres.

Joguei fora as batatas e outros legumes que encontrei no meu pequeno jardim e o preenchi com as mais primorosas flores, razão pela qual recebia frequentes visitas do porteiro do castelo, com seu nariz proeminente. Vendo toda aquela transformação, ele me lançava um olhar crítico, parecendo tomar-me como um louco varrido. Mas eu não me deixava abater por isso. Não muito longe de mim, no jardim senhorial, ouvi algumas vozes suaves, e tive a impressão de reconhecer entre elas a da minha bela senhora, embora, por causa dos espessos



arbustos, não pudesse ver ninguém. Todos os dias, recolhia flores e preparava um buquê com as mais bonitas que tivesse, e toda noite, quando já escurecia, pulava o muro e deixava o buquê sobre uma mesa de pedra, no meio das folhagens; na noite seguinte, quando trazia o novo buquê, o velho já não estava mais lá.

Certa tarde a senhoria tinha saído a cavalo para caçar; o sol se punha naquele momento e cobria a terra toda com uma luz tênue e brilhante; o rio Danúbio ziguezagueava, resplandecente como se fosse de ouro e fogo; das montanhas aos campos, os vinicultores cantavam e pulavam de alegria. Diante de casa, sentado num banquinho junto ao porteiro, respirando o ar tívio, alegrava-me ver o dia agradável ir escurecendo e se perdendo. Já era possível ouvir ao longe a corneta dos caçadores que voltavam, num jogo de sons que atravessa as montanhas, de um lado a outro. Sentia um regozijo bem no fundo do meu coração. Saltei e gritei como encantado e louco de prazer: “Aqui é o meu lugar, entre os nobres caçadores!” O porteiro bateu o cachimbo na palma da mão e disse: “Tu que pensas. Eu também tentei acompanhá-los, não vale nem pelas solas que gastamos. A tosse e a constipação por ficar o tempo todo com os pés molhados não lhe deixam.” Não sei por que, fui tomado por uma cólera fortíssima que me provocou uma tremedeira no corpo inteiro. De repente tudo no tal camarada com seu sobretudo monótono, seus pés enormes, seu nariz grande entupido por conta do fumo me parecia repugnante. Fora de mim, o agarrei pelo pescoço e disse: “porteiro, sai logo daqui e vai para casa antes que te enfie a mão na cara.” Com estas palavras ele ficou surpreso e se deu conta de que eu tinha me alterado. Me olhou com os olhos cerrados e uma expressão de medo, foi se distanciando aos poucos, sem dizer uma palavra sequer, e partiu a passos largos em direção ao castelo, sempre virando a cabeça para me olhar uma vez mais. Lá chegando, gritou, com a voz ofegante, que eu estava mesmo era delirando.